

TIRO LIVRE

EDUARDO ALMEIDA REIS



eduardo.reis@uai.com.br

ESTA COLUNA É PUBLICADA ÀS SEGUNDAS, TERÇAS

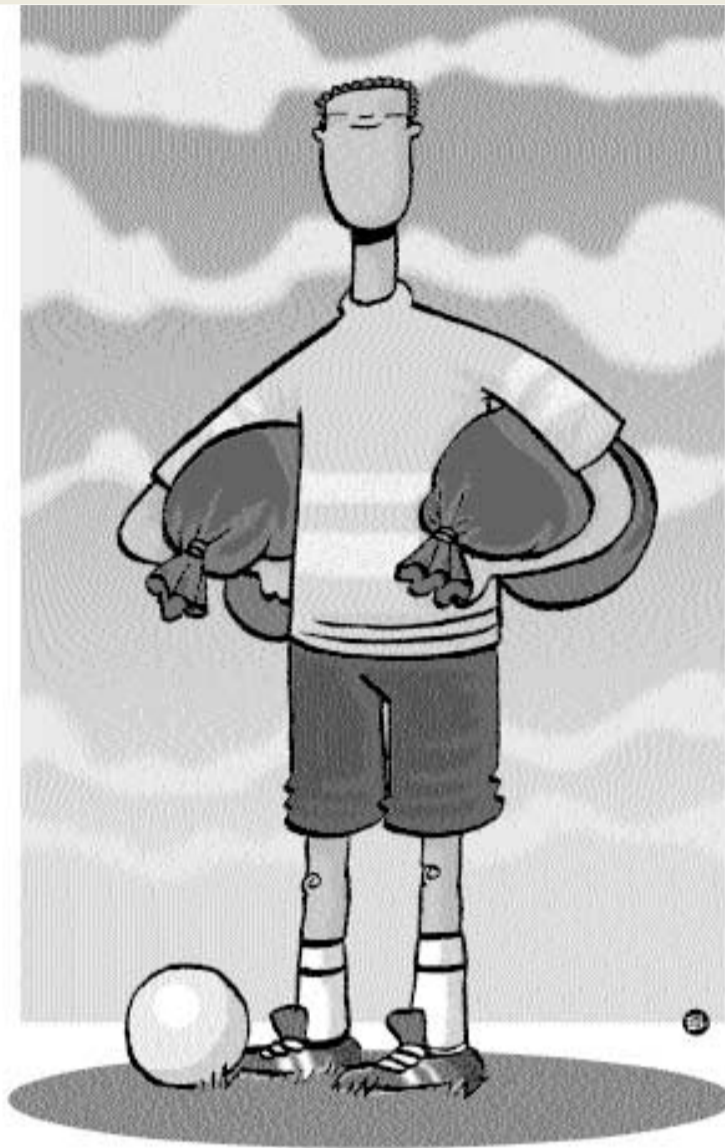
Tempos mudados

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, versou Camões. É a mais pura verdade. Pior que isso: os tempos mudam muito depressa. Ainda outro dia, jogar futebol era profissão vista com ressalvas, mesmo nas classes menos favorecidas. Havia cavalheiros da classe AAA que praticavam o esporte mais ou menos profissionalmente. Dois exemplos: um Carneiro de Mendonça, quiper do Fluminense, e um Matarazzo, vratar (guarda-portão em russo), filho do conde Matarazzo e primeiro reserva de Osvaldo, no Botafogo. Claro que um Carneiro de Mendonça jamais seria goleiro; sempre foi goalkeeper, ou quiper.

Clara Arreguy, em seu ótimo livro *Segunda divisão*, diz o seguinte: “No tempo do amadorismo, profissional era pejorativo. A ética do esporte impedia que a pessoa ganhasse dinheiro com aquilo”. Mesmo na década de 50, depois de muitos anos de profissionalismo, havia gente que torcia o nariz para o futebol. Dou-lhes exemplo que acompanhei de perto. Peço licença para não dizer os nomes, a não ser em off, porque os envolvidos estão vivos. Seguinte: pelo meado do século passado, havia dupla de ataque diabólica numa cidade do Estado do Rio, próxima de então capital federal. Dois rapazes que encantavam a todos os olheiros. O ponta era filho de minha cozinheira, mãe solteira; o meia era menino de classe média baixa.

No consenso dos olheiros, o ponta era melhor que o meia, porque chutava com os dois pés. Meninos na faixa dos 16, talvez 17 anos. A cozinheira não queria que seu filho fosse profissional de futebol. Almejava para o guri carreira nobre numa instituição financeira, onde pudesse chegar a auxiliar de escritório, para se aposentar pelo IAPB, o Instituto dos bancários, com dois salários por mês.

Não a soma dos salários do Ronaldo com o



Ronaldinho, mas dois salários mínimos de país grande e bobo. Tendo sido cozinheira da casa carioca de um banqueiro e político mineiro, conseguiu, felicíssima, que o filho fosse empregado como boy do banco, de onde foi promovido a contínuo, depois de fazer o serviço militar. Com o passar dos anos, perdi contato com a mãe do rapaz e não sei se ele chegou a ser promovido a auxiliar de escritório.

Mas acompanhei pelos jornais a carreira

do meia, que se profissionalizou, jogou nos melhores clubes do eixo Rio-São Paulo, sendo cinco vezes campeão, além de ter sido campeão mundial pela Seleção Brasileira. É considerado um dos maiores craques da história do futebol brasileiro. Parece que está rico e só uma coisa é certa: no futebol júnior, já era um craque, sem ser tão bom quanto o menino que jogava a seu lado.

Duas palavras, por fim, para o “futebol jú-

“Recuso-me a pronunciar ou escrever juniores, com chapeuzinho no ô. Também não falo escanteio nem chamo passe de assistência”

nior” que pintou no pedaço. Recuso-me a pronunciar ou escrever juniores, com chapeuzinho no ô. Também não falo escanteio nem chamo passe de assistência. Beque é muito melhor do que zagueiro. E vratar, goleiro em russo, pegou bem à beça. Mas isso é assunto para outra crônica, que o espaço de hoje, para variar, zé fini.

Caráter

Nunca vi de perto o doutor Eurico Miranda, presidente do Vasco, bem como o doutor Ricardo Teixeira, presidente da CBF. Desconfio de que não perdi nada. Mas conheço Márcio Braga, presidente do Flamengo, desde menino, e sei que é um bom sujeito. Com o passar dos anos, dono de cartório, Márcio ficou riquíssimo, enquanto eu continuava na tábua da beirada. Fui morar na roça, calçando botinas de elástico, pendurado nos peitos das vacas leiteiras, enquanto o tabelião brilhava na sociedade carioca. Nas raras vezes em que nos encontramos, ele sempre foi muito amável e me fez muita festa. Sujeito que fica rico e continua festejando seus amigos de infância mostra que tem bom caráter.

Namoradinho

Peço ao leitor que imagine a figura de um parlamentar alfabetizado, de bela atuação no Senado Federal. O ilustrado senador aparece na TV usando jaquetão cinza-chumbo, camisa branca em discreto axadrezado cinza e gravata de labaredas metálicas brilhantes em diversos tons rosa-choque. Um espanto! Não combina com a roupa nem com a biografia do herói. Só pode ser presente da namoradinho neurótica, de axilas graciosamente peludas, bafo de gim com campari, de unhas roídas até os sabuguiños, amiga dos palavrões cabeludos.

Ruminanças

“Tempos houve em que os demônios falavam e o mundo os ouvia; mas depois que ouviu os ‘políticos’ ainda é pior o mundo” (padre Antônio Vieira, 1608-1680)

ESTA SEÇÃO É PUBLICADA ÀS TERÇAS-FEIRAS E SÁBADOS

TRIBUNA DO TORCEDOR

ATLÉTICO

Deu gosto

Marcelo Lucas Prado
Belo Horizonte

JÚLIO CAVALHEIRO/DIÁRIO



“Deu gosto ver o Atlético jogar contra o Figueirense (foto). É óbvio que o time não fez uma partida de encher os olhos, mas privilegiou algo que, para o atleticano, é tão ou mais importante que o belo futebol: raça! O torcedor do Galo valoriza como nenhum outro o amor à camisa. Dar sangue e suor pelas cores alvinegras faz parte da história do Atlético. O Galo sem raça não é temido nem mesmo no Mineirão. A equipe coleciona, neste Mineirão, cinco derrotas em Belo Horizonte, tendo o segundo pior aproveitamento em seus domínios na competição. Abaixo dele, nesse quesito, só o Figueirense. Há alguns anos, isso era inimaginável. Essa situação tem de começar a mudar contra a Ponte Preta. Raça e torcida serão fundamentais para alcançar esse objetivo. É por isso que faço algo que soa como redundância: massa alvinegra, vamos lotar o Mineirão e empurrar o Galo para mais uma vitória!”

Não convenceu

Luiz Fernando Magalhães
Betim, MG

“A vitória do Atlético sobre o Figueirense não foi convincente. Mas serviu para a reabilitação. O Galo conquistou mais três pontos e parece estar pronto para sair desse pesadelo de rebaixamento, voltando à sua tradição nos

Brasileiros. Mas não vamos ficar empolgados por causa de duas vitórias consecutivas. Vamos lá, o caminho está certo: vencer, vencer, vencer. Esse será sempre o nosso ideal!”

STJD

Olhos atentos!

Gustavo S. Prates,
Belo Horizonte

“Clubes, torcedores e imprensa de fora do eixo Rio-SP-Paraná precisam estar atentos ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva. É notório como os grandes clubes daqueles estados são beneficiados pela cúpula do famigerado Luiz Zveiter. O Fluminense seria julgado pelo STJD, pois sua torcida arremessou copos de plásticos no gramado de São Januário, contra o Ceará, no primeiro jogo semifinal da Copa do Brasil. Se condenado, teria de disputar a final contra o Paulista no Rio de Janeiro, com portões fechados. Mas, estranhamente, o relator do processo, Aluísio Costa, não foi ao STJD. O julgamento acabou adiado e o Flu contou com a presença da torcida. O Vasco ganhou de bandeja os pontos dos 2 a 2 com o Brasiliense, em Taguatinga, pela primeira rodada do Brasileiro. O STJD alegou que o Jacaré deveria ter atuado com portões fechados, em punição referente à Série B de 2004. Mais correto, então, seria o Brasiliense perder o ponto que conquistou. Mas dar três pontos a quem não os ganhou em campo é demais. Agora, o senhor Zveiter resolve incluir Luís Mário no julgamento de terça-feira, pela confusão do jogo contra o Vasco, quando o Galo perdeu por 2 a 1. O atacante saiu aos 16min do segundo tempo e a confusão foi depois. É um absurdo! Não há imagens da suposta invasão de campo de Luís Mário. Essas armações não podem ser esquecidas! É hora de os outros clubes tomarem providências. Depois que o caldo entornar, não adianta chorar!”

CRUZEIRO

Sem ligação

Daniel Paiva
São Vicente de Minas, MG

“O Cruzeiro não tem meia de ligação.

Será que só eu estou vendo isso? Ninguém do time liga a defesa ao ataque com velocidade. E o que me indigna mais é que a imprensa não vê isso, não fala e não cobra. Observem isso e falem, por favor!”

COLONISTA

Pior a emenda...

Dalva Maria Lopes
Belo Horizonte

“Fui uma das leitoras que me aborreci, fiquei indignada e me manifestei com o tratamento dispensado por Eduardo Almeida Reis às atletas femininas, em sua coluna da última terça-feira; o que o mesmo autor citou, aquilo que foi considerado por ele como pedido de desculpas. Fez-me lembrar conhecido ditado popular: ‘Pior a emenda que o soneto’. Ele continua tratando as atletas femininas como se não fossem mulheres normais. Pelo modo como se refere também a todas as outras mulheres, deve estar acostumado a um convívio, diário e constante, com um séquito de subservientes servas que o reverenciam como ‘deus de algum lar’. Analisando também sob outro lado possível da questão aqui analisada, o colunista pode estar usando o espaço de que dispõe para dissimular conhecida situação doméstica, adotada em alguns lares, onde a última palavra é sempre daquele que se considera ‘deus do lar’: ‘Sim, meu bem, já vou’. O resto é mesmo tolice, machismo e preconceito. Nisso, estou de pleno acordo com ele.”

Apoio ao ‘supimpão’

João Roberto Spini Machado
Contagem, MG

“Embora o considere sempre, um ‘chatão supimpão’, o colunista ‘esportivo’ Eduardo A. Reis até que merece o meu condicional apoio, nessa campanha que está empreendendo para levar as caríssimas patroas de volta à cozinha, lavanderias, enceradeiras e frigideiras, último tipo; e outros acessórios domésticos. Desde que ele não se esqueça de incluir um montão de psicólogas e terapeutas alternativas na lista, já que elas também se beneficiariam, e muito, de uma saudável temporada

de pilotagem e monitoramento de artefatos caseiros.”

FUTEBOL AMERICANO

Esporte em ascensão

Stephano Diniz Ridolfi
Belo Horizonte

“Tenho 18 anos e meu pai é assinante do EM. Algumas vezes, vocês colocam, nas seções Imagem do Dia e Galeria do fim de semana, o futebol americano (foto), esporte muito apreciado por mim. Gostaria de sugerir que toda quarta-feira vocês publiquem alguma matéria, nota ou até mesmo apenas os resultados dos jogos da rodada do fim de semana. Os jogos ocorrem aos domingos e segundas-feiras. Faço parte de um grupo de fãs desse esporte, que tem mais de 900 integrantes, muitos de BH. Os jogos da Liga de Futebol Americano (NFL) começam em setembro e são transmitidos ao vivo pela ESPN. É um esporte em ascensão no Brasil, com mais fãs a cada dia. Alguns até sugerem que eu crie um time aqui, em BH, a exemplo da Liga Carioca Bowl, no Rio, do Sul Bowl, no Sul do Brasil, e da Liga Flag, em São Paulo. Portanto, peço que publiquem ao menos os resultados da rodada, com uma foto, se possível, para que aqueles que não contam com TV paga nem internet possam acompanhar a NFL.”



JIM MCISAAC/AFP